

**PAUL ADAM E UMA VIAGEM À MALÁSIA: EMBARCAÇÕES
UTÓPICAS QUE LEVAM A LUGARES DISTÓPICOS**

Laura Cielavin MACHADO
(Orientador): Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel

RESUMO: O presente projeto se propõe a pesquisar a obra do autor francês Paul Adam (1862 – 1920), *Lettres de Malaisie*, uma utopia - criação de um Estado-modelo onde todos os problemas que uma sociedade possa apresentar já estejam solucionados no plano político, econômico, religioso, educacional. No entanto, o escrito aponta, em certos momentos, para o caráter distópico, mostrando a consequência de uma sociedade 'ditada' por regras que evitam dúvidas e problemas e denunciando homens sem individualidade, oprimidos. Por este motivo, a pesquisa demandará uma discussão teórica acerca dos gêneros utópico e distópico, permitindo-nos constatar que a diferença entre tais gêneros é tênue, ou sequer existente. Por fim, além de referir a obra ao seu ambiente histórico, será apresentada uma prévia tradução do livro, visto que este ainda não se encontra em nosso idioma.

Palavras-chave: Literaturas estrangeiras modernas, utopia francesa, tradução.

Introdução

Ao iniciar o presente estudo, coloca-se uma problemática quanto ao objeto de análise do pesquisador de utopias: o que torna um texto utopia?

Não pretendo, neste momento, apontar as várias visões de distintos teóricos, mas primeiramente, e parte da resposta, distingui-la de uma espécie de texto a ser chamado utopismo.

De acordo com o historiador Raymond Trousson, muitos estudiosos incorrem no erro de considerar como utopia simples escritos que encerrem em si um 'espírito utópico'. Tal consideração encaminha a utopia não para um gênero, mas a uma mentalidade. Esta mentalidade, apresentada em escritos desejosos de um lugar melhor, onde haja melhor organização social, pode ser traduzida através de ensaios políticos, morais, tratados jurídicos, relatos de viagens (reais ou imaginárias) e recebem o nome de utopismo.

Este último e as utopias aproximam-se enquanto transpiram o desejo por um outro lugar com um modo de vida melhor, mas destoam quanto à estruturação de suas mensagens. A utopia *relata* a descoberta de um mundo que já é perfeito, o utopismo explana a simples *aspiração* por tal mundo.

Essa linha tênue, e ao mesmo tempo significativa, faz com que muitos teóricos se percam na delimitação de seu *corpus* e se engendrem por caminhos

distintos, como podemos notar nas diversas definições de utopia que retiramos de cada um deles.

Ernest Bloch crê em um ‘fenômeno utópico’, no qual a utopia seria algo intrínseco ao ser humano. Sua ocorrência como gênero literário é limitada e particular, apenas uma de suas manifestações. Para Karl Manheim, a utopia é uma contestação do sistema político em vigor, nascido pelos conflitos econômico-sociais. Para Lamartine, as utopias, por muitas vezes conseguirem “prever” o que está por vir, são verdades prematuras; já Backzo crê nas utopias como o desejo do coletivo, mas não acredita que elas possam prever algum futuro. Para Luigi Firpo a utopia deve ser algo global (não voltado para um fim único, mas que envolva a sociedade em seu todo); radical (envolve uma mudança profunda, perturbação da ordem, uma revolução); prematura (escreve para a geração vindoura).¹

Pode-se dizer também que a dificuldade em diferenciá-los (utopia e utopismo) resulta de mudanças sofridas pelo léxico ao longo dos séculos, o que desnortou, ampliando e dissolvendo seu significado genuíno. Trousson nos esclarece quais foram essas transformações.

No século XVI, a utopia é aquela criada por Thomas Morus, que nos remete à idéia de um lugar irreal e um lugar de felicidade devido à criação de um Estado modelo. A partir de Rabelais ou do Dictionnaire de Cotgrave, o termo leva-nos a um país imaginário, sendo o significado da palavra, no século XVII, substituído por ‘viagem imaginária’. Chega ao século XVIII com seu sentido conservado, como uma metáfora pseudogeográfica. Ao fim do século XVIII o termo é tido como não só um lugar de felicidade, mas a descrição de um plano de governo perfeito.

Já no século XIX, ao termo é atribuído um conceito depreciativo. Utopia é associada pejorativamente aos diversos socialismos. Ao fim do século, o termo é tido como absurda quimera e perigosa, posto que comprometia a ordem.²

Como visto, a carga semântica da palavra utopia transformou-se, confundindo o objeto do pesquisador da utopia, não lhe permitindo dar sua verídica história e interpretação, ainda mais quando se trata de um tema abordado por diversas disciplinas como filosofia, literatura, política, história da arte, arquitetura.³ Para voltarmos, então, à gênese do termo e estabelecer o que consideraremos como conceito genuíno de utopia para o presente trabalho, é inescapável começar pela *Utopia* de Thomas Morus.

¹. FIRPO, Luigi. Para uma definição de utopia, tradução de Carlos Eduardo O. Berriel, in. Morus Utopia e Renascimento. Dossiê: utopia como gênero literário. V.2. Campinas: Unicamp, 2005, p229.

². TROUSSON, Raymond. Utopia e Utopismo; in Morus Utopia e Renascimento. Dossiê: Utopia como gênero literário. V.2. Campinas: Unicamp, 2005, p127.

³. MONETI, Maria. cap.I ‘Che cosa è l’utopia?’; in Utopia. Firenze: La Nuova Italia, 1997.

A palavra utopia é nata no Renascimento, cunhada em 1516 por Thomas Morus ao nomear sua obra. Oriunda do grego *ου τοπος* (não-lugar) e *ευ τοπος* (bom lugar), entendemos que a utopia é um bom lugar, modelo a ser seguido e que possui um caráter imaginário.

Existe a hipótese, desenvolvida por Cosimo Quarta 4, de que a Utopia de Morus parece volver a 1509, ano em que Erasmo de Rotterdam concebeu o conhecido *Elogio da Loucura*, dedicado a Morus. O motivo de tal dedicatória seria o próprio nome do autor da Utopia: *moros* em grego significa *louco* - mas querendo dizer o contrário, em um sentido de que seu nome afastava-se deste significado, pois Morus era, na verdade, considerado um sábio.

Mais do que simples jogo de nomes, o *Elogio da Loucura* é uma grande crítica aos costumes da época e não isentava nenhuma ordem social. A obra apontava os vícios da época de forma risível, com um intuito educativo, mostrando à sociedade o meio de tornar sábios os seus feitos e, como consequência, atingir a felicidade. Esta consequência (atingir a felicidade) caberia a Morus. Seria a vez do *Elogio da Sabedoria*, a concepção originária do libelo *Utopia*, de acordo com Cosimo Quarta.

Como se sabe, a sabedoria plena não é realizável, ela é possível somente em lugares inexistentes como no *ου τοπος*, no não-lugar. É lá que Morus apresentou como concreto, em vida de homens, o que Platão construiu somente em palavras, como nos lembra Sargent: “*At the present, however, I am a rival of Plato’s republic, perhaps even a victor over it*”⁵ e como afirma Quarta: “*O passo adiante que Morus julga ter cumprido, em relação a Platão, é o de apresentar o estado ótimo como já realizado e operante*”.⁶

A utopia passa de lugar inexistente para um bom lugar e produz essa ambigüidade semântica para que aos leitores não seja possível pensar o escrito como simples fruto de um nefelibata, mas um projeto de Estado-modelo que pode ser atingido e realizado.

Localizada não como uma mentalidade e sim como um gênero, a utopia apresentará uma estrutura e seguirá um conjunto de regras.

Ela conta, através de uma viagem imaginária, a descoberta de um mundo perfeito e isolado de alguma forma. Esse lugar utópico propõe um mundo em que tudo já esteja resolvido, posto que todas as coisas estão previstas, classificadas e regradas, seja na organização política, produção e distribuição de bens, educação, arquitetura, tempo livre, cerimônias, religião.

⁴. QUARTA, Cosimo. Utopia: gênese de uma palavra; in Morus Utopia e Renascimento. Dossiê: O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura européia. V3 Campinas:Unicamp, 2005, p37.

⁵. SARGENT, Lyman Tower. What is a utopia?; in Morus Utopia e Renascimento. Dossiê: utopia como Gênero Literário. V.2. Campinas:Unicamp, 2005, p154.

⁶. Idem nota 3, p47.

O não-lugar e/ou bom lugar (utopia) é normalmente descoberto por acaso e o viajante é guiado por alguém que lhe apresenta esse Novo Mundo, até que retorne para relatar a realidade imaginária a outros. Há, dessa forma, como fruto de uma sociedade renascentista, o nascimento de um gênero que busca as soluções através do próprio homem, já que é ele quem consegue construir um reino perfeito que não é o celeste.

A utopia, muito além de prender-se somente a uma literatura descritiva e imaginária, é fruto de uma insatisfação real. Ela não propõe reformas, pois isso é retomar o existente e tentar melhorá-lo. Ela propõe um recomeço para um destino diferente. De acordo com Trousson, ela funciona de modo que, criticando e sendo totalmente oposta à sociedade e suas regras vigentes, estimula e desenvolve o imaginário social. No caso da *Utopia* de Morus, é apresentada uma série de medidas que resolverá problemas pelos quais atravessava a Inglaterra contemporânea ao autor.

Partindo para o caso da distopia, são propostas soluções diferentes das presentes na utopia para se criticar a sociedade vigente.

A distopia ou antiutopia se desenvolve de modo a exagerar os pontos negativos de uma sociedade. Ela salienta a maldade existente em uma sociedade em que todos os problemas já estão solucionados e todas as regras já estão ditadas. Na utopia isso não gera problema algum (aparentemente), mas na distopia tais problemas, solucionados por uma minoria, são vistos como a retirada da liberdade e espontaneidade. Tal fato revela um governo totalitário que pune severamente a quebra de suas regras e insere um elemento que não está presente nas utopias: a opressão. Encaixa-se aqui o que nos diz M. Mead: *‘le revê d’un pouvait être le cauchemar de l’autre’*⁷. É o sonho da utopia que produz o pesadelo na distopia. Domada por uma doutrina que retira a espontaneidade, posto que o Estado prevê todos os desejos e regra todas as respostas a tais desejos, a distopia *“é o resíduo obstruído pelo Estado completamente racional”*.⁸

Para a utopia, a descoberta de um país longínquo é símbolo de uma fratura geográfica e histórica. Na distopia vemos que não há rompimento com o processo histórico, pois o que quer ser mostrado é a consequência das tendências negativas do presente que, ao serem ampliadas, mostram uma futura sociedade perversa. Não só a realidade é assumida tal qual é, mas suas práticas são potencializadas (como em modelos de governo aristocráticos, feudais, monárquicos, imperiais, ditaduras, etc). O poder perverso da distopia torna seu

⁷. BERRIEL, Carlos Eduardo O. Utopie, dystopie et histoire; in Morus Utopia e Renascimento. Dossiê: O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura européia. V3 Campinas:Unicamp, 2005, p96.

⁸. BERRIEL, Carlos Eduardo O. Editorial; in Morus – Utopia e Renascimento. Dossiê: Utopia como gênero literário. V2 Campinas:Unicamp, 2005, p9.

τοπος em cativo e opressivo: “L’utopia è il progetto storico della società giusta e fraterna, è il progetto che l’umanità persegue poieticamente lungo tutta la sua storia. La distopia non può essere un progetto in tal senso, così perseguito dall’umanità . Può essere semmai perseguita da un gruppo di potere , da una minoranza oppressiva; ma per l’umanità, per la società-storia resta solo un modello da evitare, o da elidere, da abbattere.”⁹

Por essas distinções que se trespassam, confundem e nos instigam, a presente pesquisa terá como objeto uma utopia do fim do século XIX que nos permite navegar pelas duas faces do gênero utópico e discutir a afirmação de M. Mead: ‘*le revê d’un pouvait être le cauchemar de l’autre*’.

Sintetizando o que foi dito anteriormente sobre o que define utopia e distopia, podemos dizer que a utopia se apresenta como um projeto positivo, de felicidade, esperança. A distopia nos convida a observar criticamente tal projeto.

Lettres de Malaisie

Existiria uma mensagem que carrega em si as duas intenções concomitantemente?

De acordo com Nadia Minerva, em *Un utopia inquieta*¹⁰, sim e Paul Adam é um dos autores que obtêm êxito em construir um sonho que não se sabe ao certo se é um pesadelo.

Romancista francês, Paul Adam nasceu em 1862, em Paris, proveniente de uma família de industriais e militares. Seu primeiro romance de sucesso, *Chair Molle*, tratava da vida da plebe de uma forma naturalista, o que indignou a crítica, e lhe rendeu uma multa e alguns dias de prisão. Mas o romancista não se filia a nenhuma escola literária por muito tempo. Envolve-se com os simbolistas e “*presque simultanément, il passe de la chronique realiste et contemporaine à l’évocation de Byzance (...) romans archéologiques accablés de néologismes grecisants, d’érudition religieuse et d’un érotisme tout cerebral*”.¹¹

Paul Adam deixou uma vasta obra repleta de romances, ensaios, dramas e, em 1898, com a primeira publicação de *Lettres de Malaisie*, o autor, de acordo com Trousson, “*Paul Adam, lui-même esquissé son évolution politique et*

⁹. COLOMBO, Arrigo. Su questi saggi e la loro genesi sull’utopia e sulla distopia. Utopia e distopia. p12.

¹⁰. MINERVA, Nadia. Un utopia inquieta: Lettres de Malaisie de Paul Adam (1898). Amici e nemici del genere utopico nella letteratura francese. Ravenna: Longo, 1996.

¹¹. Idem. Présentation de Raymond Trousson, p.II

intellectuell”¹². Ele acredita ter encontrado seu caminho no anarquismo: “*C’est l’époque ou il admire Reclus, Kropotkine et J. Grave, le temps où il justifie le terrorisme de Ravachol, Vaillant et Henry*”¹³.

Como já mencionado, as utopias nascem quando um autor se vê insatisfeito com sua atual realidade e passa a sonhar com algo ideal. É o que ocorre com Paul Adam. Diante de seu desencanto para com o que vinha se tornando a sociedade moderna e sua decepção diante de escândalos parlamentares provém o ideal utópico de Adam que passa a sonhar com cidades futuras. Isso pode ser observado em *Lettres de Malaisie*, obra referida no presente projeto, a qual me proponho a estudar.

Paul Adam, em *Cartas da Malásia*, descreve um lugar prometedor, encorajando-nos a ter fé no progresso e, ao mesmo tempo, desacreditar, em alguns momentos, que a felicidade plena é atingível e situável. Tal mensagem ambígua se dá em um não-lugar, fundado por um jovem dissidente do grupo de Cabet, que queria tentar na Malásia os mesmos feitos da *Voyage en Icarie*. Um diplomata espanhol é incumbido de relatar tal descoberta e o faz através de cartas enviadas a um destinatário que divulgará as novas ao mundo ocidental. Fica claro, desde as primeiras linhas, que ‘*au surplus, on verra très aisément que Ceci n’est pas um ideal*’¹⁴, e o leitor é advertido que, mesmo estando diante de uma utopia (lugar-ideal), ele não encontrará algo ideal.

O diplomata é acolhido em um território sem nome, às vezes denominado território da Ditadura, nas Ilhas do Oceano Índico e, proibido de ter qualquer espécie de vício (álcool, tabaco) e de praticar o comércio (venda, compra ou troca), é levado a conhecer o lugar insular por duas guias, Théa e Pythie, que aparentavam serem mulheres, mesmo sem distinção nas vestes ou corte de cabelo. Ao começar sua viagem, contam-lhe que Jérômè, o Fundador, construiu edifícios separados cada qual com sua função: “*les premiers efforts de Jérômè Le Fondateur, visèrent l’installation des gymnases. (...) neuf grands édifices de bois: La Maternité, La Nursery, l’Ecole, Le Collège, Le Lycée, l’Université, Le Presbytère, l’Hôpital*”¹⁵ e, debaixo do lema da Ditadura: “*le plaisir c’est Savoir, l’honneur c’est Produire, La honte c’est Detruire*”¹⁶, homens e mulheres se dividem para o desenvolvimento do local. Mulheres ocupam-se da burocracia, da arte, da decoração da cidade e rivalizam com os homens ocupações como medicina, agricultura e jardinagem. Não há motivos para roubar, tudo pertence a todos. Os únicos criminosos são “*les colériques qui tuent ou tentent de tuer dans une querelle, ou injurient gravement le*

¹². Ibidem, p.IV

¹³. Idem.

¹⁴. ADAM, Paul. *Lettres de Malaisie*. Slatkine France, Paris, 1981.p.4.

¹⁵. Idem, p.34

¹⁶. Ibidem, p.42

contradicteur. Les paresseux qui refusent le travail. Les contrabandiers qui essaient d'introduire de l'alcool ou du tabac".¹⁷ A Armada do território é composta exatamente por tais criminosos, que possuem maior facilidade e tendência para a violência, não sucumbindo em uma batalha por mera compaixão, extravasando, assim, seu desejo de destruir. O poder se reveza nas mãos de diversos corpos de profissão, cada um buscando beneficiar a sociedade com os conhecimentos provenientes da sua área. Por exemplo, quando químicos tomam o poder, seu grupo "*transforme à La fois la charge des torpilles, les recettes culinaires, et la composition des parfums. Survienne à La suite, une oligarchie de mécaniciens, elle améliore l'outillage des usines, les armes des soldats, Le glissement des tramways. Un groupe d'artistes Le remplace-t-il, les édifices sont embellis, les cortèges mieux pares; on decore les rues*".¹⁸ O Estado está em constante construção e não há política.

Quanto à educação, as crianças desde cedo são apresentadas aos dogmas cristãos, ao mesmo tempo em que o sincretismo é celebrado. Ninguém é estimulado à discussão. Se alguém crê uma cor vermelha e outro crê a mesma cor preta, não haverá discussão e ninguém desenganará tais pessoas se o objeto, na verdade, for rosa. "*Nous ignorons si les vocables correspondent à des réalités. Par exemple, la mère qualifie rouge, devant son rejeton, un objet que celui-ci voit peut-être vert. Au cours de toute sa vie, cet enfant nommera rouge des choses perçues vertes par son organe. Nul ne le détrompera. En effet, les autres disciples s'ils perçoivent jaune l'objet que qualifia rouge l'éducateur*".¹⁹ Uma atenção especial é dada à Maternidade, dado que "*Jéromè Le Fondateur a jugé que rien n'est plus beau que produire un être pensant*"²⁰. Entretanto, o estímulo à maternidade só é dado para fins de procriação e como ato de polidez, pois quando são criados laços entre os pais e entre os filhos, cresce o sentimento de posse, algo que deve ser exterminado do território da Ditadura. Não existe casamento e duas pessoas jamais se negam sexualmente, "*rien dans le lois ni dans les habitudes ne contrarie l'exercice d'un instinct utile à l'expansion de la race*"²¹. Nas periódicas '*Fêtes de La Reproduction*', que duram duas semanas, as pessoas dedicam-se à reprodução, seja com um mesmo companheiro ou vários. Fora desse período as pessoas raramente se desejam, pois o prestígio desse prazer se perde, exatamente para que se perca o sentimento de posse e para que exista a cobiça somente pelo espírito. Tudo é muito excitante para o diplomata, até o momento em que ele se encanta por sua

¹⁷. Idem, p.51.

¹⁸. Ibidem, p.96

¹⁹. Idem, p.102-103.

²⁰. Ibidem, p.35

²¹. Idem, p.41

guia Pythie e não consegue ficar indiferente ao valor da vida e da individualidade.

Enquanto o espanhol percorre a região da Malásia, acaba por notar algumas contradições no modo de pensar daquele povo. Ao mesmo tempo em que são altruístas, armam-se violentamente contra aqueles que impedem o desenvolvimento máximo da produção. A Europa é um exemplo e deve ser combatida, pois sua divisão em muitas leis e pátrias leva a um enfraquecimento da produção, bem como uma tribo indígena vizinha do território que, de acordo com Théa, mata para se distrair da monotonia do tempo. A lógica malásia diz que a destruição desses povos deve ser feita porque eles são um povo inferior: “*on meurt beaucoup moins parmi nous, et on produit beaucoup plus. Et c’est là tout le criterium de supériorité ou d’infériorité entre les peuples*”²². O diplomata sente enorme desejo de revelar à Europa, antes que esta seja tomada pelas esquadras do território da Ditadura, os segredos daquele local, sua forma de prosperar, suas contradições e, inesperadamente, quem o estimula a fazer isso é Pythie, revelando-se, nas últimas páginas, apaixonada pelo estranho e encantada pelo mistério do amor que fez com que ela traísse suas crenças e esperanças. Esta revelação está contida na última carta que o destinatário recebe e não é claro, ao fim do romance, o destino do espanhol.

Um local onde a discussão não é estimulada, com um povo que não precisa ler - todas as informações chegam através de fonógrafos -, um local que desde o início declaram ser algo não-ideal, onde a maior cobiça é o conhecimento e destruir, acima de tudo, aquilo que é contrário ao desenvolvimento da vida e da produção, é o que Paul Adam constrói. Um lugar que tem potência para ser uma utopia, já que apresenta um local, à primeira vista, bem organizado para que todos prosperem e alcancem um bem comum, mas que, na realidade, é percebido por alguém de fora, no caso o diplomata, como uma distopia, já que lhe tolhe o direito de sentir algo além do que é permitido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADAM, Paul. *Lettres de Malaisie*. Paris: Slatkine France, 1981.
- BACZKO, Bronislaw. *L’Utopia. Immaginazioni sociale e rappresentazioni utopiche nell’età dell’illuminismo*, Torino, 1979.
- BALDINI, Massimo. *La storia delle utopie*. Roma: Armando Editore, 1994
- BERRIEL, Carlos Eduardo. *Utopie, dystopie et histoire*, in *Revista Morus Utopia e Renascimento. Dossiê: O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura europeia*. V3. Campinas: Unicamp, 2006.
- COELHO, Teixeira. *O que é utopia*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CODIGNOLA, Maria M. “Il paese Che non c’è i suoi abitanti”. Firenze: La Nuova Italia, 1997.

²². ADAM, Paul. *Lettres de Malaisie*. Slatkine France, Paris, 1981, p.152-153.

- COLOMBO, Arrigo. Formas da utopia. As muitas formas e a tensão única em direção à sociedade de justiça, in *Revista Morus* Utopia e Renascimento. *Dossiê: O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura européia*. V3. Campinas: Unicamp: 2006.
- ____ Arrigo (a cura di.). *Utopia e Distopia*. Bari: Edizioni Dedalo, 1993.
- ____ Arrigo. *L'Utopia, rifondazione di un'idea e di una storia*. Serie <<L'Utopia. Per una società giusta e fraterna>> Bari: Edizioni Dedalo: 1997.
- GHIBAUDI, Silvia Rota. "Metodi d'analisi dell'utopia: osservazioni critiche." In: MINERVA, Nadia (org.). *Per Una Definizione dell'Utopia. Metodologie e Discipline a Confronto*. Ravenna: Longo, 1992.
- ____ Nadia. *Amici e nemici del genere utopico nella letteratura francese*. Ravenna: Longo, 1996.
- VERSINS, Pierre. Encyclopedie de l'utopie et de La science fiction. Editions L'Age d'Homme S.A 2ªed. Suíça: Lausanne, 1984.
- FALCON, Francisco C. Utopia e Modernidade, in. *Revista Morus* Utopia e Renascimento. *Dossiê: utopia como Gênero Literário*. V.2. Campinas: Unicamp, 2005.
- FIRPO, Luigi. Para uma definição de "utopia", tradução de Carlos Eduardo O. Berriel, in. *Morus Utopia e Renascimento*. *Dossiê: utopia como Gênero Literário*. V.2. Campinas: Unicamp, 2005.
- FORTUNATTI, Vita e Paola Spinozzi. "Vite di Utopie". Ravenna: Longo Editore, 2000.
- HELLER, Agnes. "O homem do Renascimento". *Filosofia social, política, utopia*. Lisboa: Editorial Presença, 1982.
- HOBSBAWM, Eric J. "A Era dos Impérios 1875 – 1914". 3ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KRISTELLER, Paul O. "El pensamiento Renacentista e sus fuentes". Tradução de Federico Patán López. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- KUON, Peter. "Le primat du lettréaire. Utopie et méthodologie." In: MINERVA, Nadia (org.). *Per Una Definizione dell'Utopia. Metodologie e Discipline a Confronto*. Ravenna: Longo, 1992.
- MONETI, Maria. "Utopia". Firenze: La Nuova Italia, 1997.
- QUARTA, Cosimo. Utopia: gênese de uma palavra-chave, in. *Revista Morus*, Utopia e Renascimento. *Dossiê: O impacto da descoberta do Novo Mundo na cultura européia*. V3. Campinas: Unicamp, 2006.
- SARGENT, Lyman. What is a Utopia?, in *Revista Morus*, Utopia e Renascimento. *Dossiê: utopia como gênero literário*. V.2. Campinas: Unicamp, 2005.
- TROUSSON, Raymond. Utopia e utopismo; in *Morus* Utopia e Renascimento. *Dossiê: utopia como Gênero Literário*. V.2. Campinas: Unicamp, 2005.
- V.V. Nell'anno 2000. *Dall'utopia all'ucronia*. Atti del Convegno internazionale (10 marzo 2000). A cura di B. Bongiovanni e G.M. Bravo. 2001.